

Fabiana Maris Versuti
Rafael Lima Dalle Mulle
Deise Aparecida Peralta
Harryson Júnio Lessa Gonçalves
(Orgs.)

PERSPECTIVAS
de ATUAÇÃO
no **CAOS**

textos e contextos



O livro *Perspectivas de Atuação no Caos: textos e contextos* se constitui numa obra que faz uma excelente demarcação sobre o tempo em que estamos vivendo, com registros que vão da auto narrativa de uma pessoa LGBTQI++, que viveu uma pandemia causada por um vírus truculento, em pleno século XXI, em um país onde a ordem é o obscurantismo, até apontamentos sobre a importância do desenvolvimento da empatia quando a humanidade parece voltar aos tempos bárbaros numa escalada de violência. Pensar o caos, ao mesmo tempo em que se constrói uma atmosfera de incertezas e perplexidades em relação à “evolução” do humano ao longo de sua jornada no Planeta, também é uma excelente oportunidade para nos localizarmos neste mundo e encarar de frente uma dura realidade. É o que esta obra nos permite. Reconhecer nossas identidades e nossas formas de atuação em frente ao caos.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

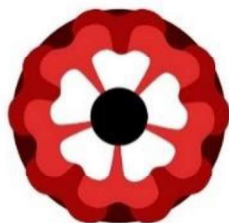


Programa de
Pós-Graduação em
**Ensino e
Processos
Formativos**
Interunidades



editora  **fi.org**





SÉRIE Processos Formativos

Diretores da Série:

Prof. Dr. Harryson Júnio Lessa Gonçalves

(Unesp/FEIS)

Prof. Dr. Humberto Perinelli Neto

(Unesp/IBILCE)

Comitê Editorial Científico:

Prof. Dr. Adriano Vargas Freitas
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Alejandro Pimienta Betancur
Universidad de Antioquia (Colômbia)

Alexandre Maia do Bomfim
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Prof. Dr. Alexandre Pacheco
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Prof. Dra. Ana Cláudia Ribeiro de Souza
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Prof.ª Dr.ª Ana Clédina Rodrigues Gomes
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Braz Dias
Central Michigan University (CMU/EUA)

Prof.ª Dr.ª Ana Maria de Andrade Caldeira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Prof. Dr. Armando Traldi Júnior
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

Prof. Dr. Daniel Fernando Johnson Mardones
Universidad de Chile (UChile)

Prof.ª Dr.ª Deise Aparecida Peralta
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Prof. Dr. Eder Pires de Camargo
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Prof. Dr. Elenilton Vieira Godoy
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof. Dr. Elison Paim
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Fernando Seffner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. George Gadanidis
Western University, Canadá

Prof. Dr. Gilson Bispo de Jesus
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Prof. Dra. Ilane Ferreira Cavalcante
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. José Eustáquio Romão
Universidade Nove de Julho e Instituto Paulo Freire (Uninove e IPF)

Prof. Dr. José Messildo Viana Nunes
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. José Sávio Bicho de Oliveira
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Prof. Dr. Klinger Teodoro Ciriaco
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Prof.ª Dr.ª Lucélia Tavares Guimarães
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Prof.ª Dr.ª Márcia Regina da Silva
Universidade de São Paulo (USP)

Prof.ª Dr.ª Maria Altina Silva Ramos
Universidade do Minho, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Prof.ª Dr.ª Olga Maria Pombo Martins
Universidade de Lisboa (Portugal)

Prof. Dr. Paulo Gabriel Franco dos Santos
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Ricardo Cantoral
Centro de Investigación e Estudios Avanzos do Instituto Politécnico Nacional (Cinvestav, México)

Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani
Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Prof. Dr. Sidinei Cruz Sobrinho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL/Passo Fundo)

Prof. Dr. Vlademir Marim
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Wagner Barbosa de Lima Palanch
Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Processos Formativos — 17

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VERSUTI, Fabiana Maris, MULLE, Rafael Lima Dalle; PERALTA, Deise Aparecida; GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa (Orgs.)

Perspectivas de atuação no caos: textos e contextos [recurso eletrônico] / Fabiana Maris Versuti; Rafael Lima Dalle Mulle; Deise Aparecida Peralta; Harryson Júnio Lessa Gonçalves (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

335 p.

ISBN - 978-65-87340-92-0

DOI - 10.22350/9786587340920

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação; 2. Ensino; 3. Pedagogia; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 371

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores, métodos e disciplinas

371

Uma pedagogia de odores e fracassos: Cartografia de uma via transviadosapatônica para educação

*Allan Moreira Xavier*¹

*Muito prazer, eu sou o oitavo pecado capital
Tente entender, eu sempre fui vista por muitos como o mal
Não consegue ver, que da sua família eu sou pilar principal
Possuo você, possuir você
- Urias, Diaba*

No que se transforma a universidade durante a expansão de uma pandemia, do genocídio de corpos dissidentes e do jogo político que se utiliza de instituições democráticas para difundir práticas fascistas de governo? No que se desfazem as suas centenárias estruturas – racionalizantes, humanistas, hierarquizantes, universalistas e naturalizadoras – quando são ameaçadas por *fake news*, pelo abandono da população pela coisa pública, resultando em uma constante luta da instituição acadêmica atravessando o caos de incertezas? Aqui, aposto em uma tentativa de avaliar, a partir de um ensaio que trata de trazer à tona afetos que costumam ser ignorados, apagados e esquecidos, dos discursos científicos e educacionais: da visibilidade – já desestabilizada por Saramago em seu famoso Ensaio sobre a Cegueira – à busca por uma pedagogia que enxergue a educação como ócio-improdutivo, como abertura para experiências sujas,

¹ Viado. Doutor em Ciência e Tecnologia/Química, título que evoca quando está entre pessoas que não entendem que ser viado me basta. Trabalha como professor adjunto na Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André, São Paulo, Brasil, local de balbúrdia, em que instiga dedo no cu e gritaria. Pode ser encontrado no allan.xavier@ufabc.edu.br mas também nos bares centrais, escuros e sujos da capital paulista (onde garanto que o papo é mais interessante).

deliberadamente desativadas do ambiente universitário – como aquelas do desespero, do tédio, das relações fugidias e cúmplices, da embriaguez, dos esfregões que atizam os pelos –, na expectativa de liberar possibilidades de uma pedagogia que fracasse em capitalizar o conhecimento científico, a ação docente, os resultados de aprendizagem, mas que movimentem os corpos da educação para um devir trans-viado-sapatônico que escape aos dispositivos pedagógicos mobilizados na pandemia do covid-19.

Da notícia: Paremos!

O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos, Quem está a falar, perguntou o médico, Um cego, respondeu a voz, só um cego, é o que temos aqui.

– José Saramago

Lembro bem do gosto da canela na caipirinha de morango quando recebemos a confirmação por e-mail de que a universidade havia determinado paralisação de atividades em função da pandemia. Estávamos três amigos, que se fizeram assim porque trabalham juntos, jantando e trocando desabaços após uma semana intensa de trabalho acadêmico: bancas de concurso, decisões administrativas, orientações de alunos de graduação e pós. Desabaço é uma maneira bastante polida de nominar a descrença que carregávamos desta semana, derivadas de notícias divulgadas por epidemiologistas, médicos e sanitaristas, e do silêncio que rodeava as universidades. Algumas poucas haviam divulgado a paralisação de suas atividades, entretanto, consolávamos uma de nós que daria aulas na manhã seguinte.

O jantar foi interrompido por um berro de alívio e o pedido de mais uma rodada de caipirinhas, cada uma de um sabor e preparadas com um destilado diferente, que rodavam entre nós para palpites sobre as combinações de sabores. Este alívio associei ao odor da canela com morango em vodca, do manjericão com abacaxi em saquê, da pimenta com tangerina

em cachaça. Eu mesmo já havia decidido impedir que meus alunos circulassem nas linhas de trem e metrô e pela universidade “apenas” para as aulas, e divulgado aos colegas a plenos pulmões – vejam a ironia – mas sem dúvidas, a oficialização da reitoria me acalmava: podemos então também nos proteger. Havia (e até o momento da redação deste texto, ainda há) uma permanente sensação de alerta com possíveis represarias (orçamentárias, administrativas e/ou judiciais) por conta de posicionamentos contrários aos da gestão federal.

Enfrentamos um dos momentos de maior desfalque das universidades e de notáveis instrumentalizações políticas em cargos de gestão² que desrespeitavam manifestações democráticas nestes espaços. Angústia que fechava a garganta, alívio que abria pulmões e espíritos. Mas que universidade pode guardar para si a posição de excelência se não encaramos com veemência a hegemonia? Desafiamos a ordem aparente da opinião-saber, quando mal desafiamos a posição do saber-científico? Seria possível algum de nós escapar da doença – isto é, porque negar sua força performativa, – quando ela estava tão presente nos discursos quanto o vírus no ar?

Palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio de um jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. [...] São performativos no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2013, p. 194).

Parte deste alívio com sabor de canela nascia como uma primeira sensação, ainda inconsciente, de que dali em diante eu tinha as chances de elaborar outros modos de vida, escapar da rigidez das formas de trabalho docente e permitir ao corpo que ocupo navegar linhas de fuga para esta existência estratificada que me apresenta a vida de acadêmico (em uma

² Na última semana, uma medida provisória que permitia ao des-ministro da educação nomear reitores-biônicos para as Instituições de Ensino Superior federais foi devolvida pelo congresso ao gabinete do executivo, que acabou por revogá-la.

maquinaria que acopla funções de professor-pesquisador-cientista-extensionista-administrador). A universidade para a excelência... Humpt... Como se a excelência devesse ser almejada, e nossos corpos capturados por esta maquinaria neoliberal! Como bem demonstra Bourcier (2017), a palavra-chave oca “excelência” está associada a políticas neoliberais que mercantilizam as universidades e as transformam em Complexos Acadêmicos Industriais, inclusive promovendo ações preventivas – excelentes peças de publicidade - em desacordo com a afirmação cultural e o empoderamento³ das mulheres e minorias sexuais e de gênero, por exemplo, já que a gestão da diversidade se tornou um critério de avaliação e uma fonte de atratividade que deve permitir que tais complexos superem os seus concorrentes.

Passo a me questionar se o anúncio de paralisação de atividades pelas universidades frente a um governo ultraliberal e neofascista não haveria em si um quê de vitrine? Uma necessidade de colocarem-se frente à desinformação e ao senso-comum não por algo novo, mas pelo reforço do velho, pelo desesperado apelo à tradição do saber ilustrado, pela necessidade que temos de **ver** o que está diante de nós, possível apenas com a **luz** da ciência. Aí eu soube que meu alívio-sabor-de-canela não era o mesmo que exalava por esta instituição.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava.

– José Saramago

O que se sacrifica na guerra?

Acalmaram-se algumas das mulheres, deste modo chamadas à razão, mas uma das outras, subitamente inspirada, lançou uma nova acha à fogueira quando

³ Como Vidarte (2019), tenho certa ojeriza deste neologismo anglófono: empoderamento. Queremos mesmo ascender às posições de poder? Queremos que nossos corpos se tornem sujeitos políticos engendrados em uma política presa ao binômio inclusão-exclusão? Ou deveríamos nos dedicar para a explosão dos modos de resistência – a criação de singularidades (DELEUZE; GUATTARI, 1997; 2011a; 2011b; 2012a; 2012b)? Aposto nesta última alternativa.

perguntou, irônica, E o que é que vocês fariam se eles, em vez de pedirem mulheres, tivessem pedido homens, o que é que fariam, contem lá para a gente ouvir. As mulheres rejubilaram, Contem, contem, gritavam em coro, entusiasmadas por terem encostado os homens à parede, apanhados na sua própria ratoeira lógica de que não poderiam escapar, agora queriam ver até onde ia a tão apregoada coerência masculina, Aqui não há maricas, atreveu-se um homem a protestar, Nem putas, retorquiu a mulher que fizera a pergunta provocadora, e ainda que as haja, pode ser que não estejam dispostas a sê-lo aqui por vocês.

– José Saramago

O aroma da canela-alívio se diluiu na primeira semana de quarentena. Não em outras substâncias que tornariam a transbordar as narinas – como o do álcool em gel e a aspereza da pele após repetidos usos de detergentes –, mas no tempo ocioso. Dei-me permissão para que, ainda que respondendo algumas demandas da universidade *online*, ocupasse meu cotidiano com uma contra-rotina⁴. Foram maratonas de filmes e séries colocadas em dia, assujeitamento passivo pleno, descanso cognitivo obtido pelas temáticas mais superficiais e repetitivas que podemos identificar e que inundam as telas de muitos canais e sistemas de *streaming*. O tique-taque do relógio biológico foi desfeito, e já que os olhos sobre mim estavam dispersos, banhei-me da noite sem culpa.

Por semanas, havia tranquilizado minha mãe, por mensagens, de que ela não precisaria fazer um estoque de guerra em casa (foi razoavelmente inútil: ela se precaveu com máscaras cirúrgicas e litros de álcool em gel, que seriam no futuro distribuídos entre os filhos). Mas, em dois ou três dias, o covid-19 deixou de ser uma doença gringa para ser uma doença rica, elitizada, daqueles de que passam parte das suas férias em viagens internacionais, que cuidam dos seus desconfortos do isolamento em redes sociais e com a intensificação do trabalho de “assistentes”, “secretárias”,

⁴ Aqui compartilho com Foucault (1985) a compreensão de que a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar dos corpos não é a luta contra as proibições, mas a contraproduzibilidade, formas alternativas e novas de poder-saber.

“faxineiras”, “cozinheiras”. Até tornar-se pandemia, a doença não efetivamente atrapalhou a vida de quem a importou. A mídia passou a mobilizar bravatas de guerra, guerra contra um inimigo invisível, um vírus, que nos atinge a todos sem distinção⁵... e a única medida de contenção, diziam os epidemiologistas, é o isolamento social. O que talvez o contágio ative ao recorrer à necessidade de nos calar e nos distanciar é a precariedade pela qual os governos neoliberais, cujos discursos tornaram-se mais contagiosos que o vírus corona desta estação, deixaram atingir os sistemas estatais de proteção da população: salvam-se grandes bancos da falência, validam-se iniciativas individuais de “empreendedorismo”, quando na verdade, os sistemas de saúde, habitação e educação estão aos cacos. O que não temos a permissão de ver? O vírus, o estado neoliberal em ação, ou nossa passividade conivente resultante de um assujeitamento pelas máquinas sociais?

De um lado, massas ou fluxos, com suas mutações, seus quanta de desterritorialização, suas conexões, suas precipitações; de outro lado, as classes ou segmentos, com sua organização binária, sua ressonância, sua conjunção ou acumulação, sua linha de sobrecodificação. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 110).

Percebendo que os movimentos de isolamento iriam perdurar mais do que apenas alguns dias, as discussões na universidade – pelas listas de e-mail e postagens em redes sociais já decadentes – ocuparam uma mesma temática: há de se perpetuar um senso de *normalidade adaptada*, uma retomada das atividades que mobilize outros meios, mantendo o distanciamento social como condição de contorno. As atividades de ensino deveriam continuar, em modalidade EaD ou *online*: sim ou não? Muitos dos que eram a favor acreditavam que precisávamos criar um ar de continuidade às atividades universitárias (“pandemia não é férias”, mote

⁵ Vale notar que a expansão das práticas de quarentena e isolamento social, assim como os esforços mobilizados por cientistas e médicos na busca da cura são justificados por essa universalidade do alcance do vírus. A epidemia da AIDS na década de 1980 não recebeu o mesmo esforço até que o vírus do HIV fosse descaracterizado como um câncer gúei e identificado como o resultado de comportamentos de risco (TREVISAN, 2018). Fico puta com a maneira pelo qual a moral judaico-cristã enraíza-se em investimentos capitalísticos que permanecem fazendo da sexualidade um pecado da carne.

daqueles que dentro de seus fascismos institucionais, movimentavam alunos com seus desejos por diplomas). Outros, contrários, preocupavam-se com as condições com as quais alunos acessariam os materiais instrucionais (Teriam os alunos mais vulneráveis acesso à internet? Possibilidades de manutenção da vida acadêmica?) e com a mercantilização da educação superior pública pela sua adesão completa às tecnologias de informação e comunicação. Sempre suspeitei destes opostos binários. Ainda mais de quem, do conforto do seu próprio altar, dedica-se a salvação eterna do outro condenado... o que para mim é o que existe de mais pastoral⁶ (FOUCAULT, 2004) na academia. Um coro de alunos se posicionou contra a alternativa do que foi chamado de estudos emergenciais. O que há de emergencial na manutenção da governança da universidade sobre os corpos dos alunos e de seus docentes? Talvez a oportunidade perdida seja a de reorganizar o espaço universitário permitindo a criação de novos modos de ocupações, produções, críticas e funções. Desfazer o organismo da universidade, máximo da racionalidade moderna institucional:

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõe todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 25).

Regule-se a cultura: Higiene é saúde, isolamento é vida.

Proclamavam-se ali os princípios fundamentais dos grandes sistemas organizados, a propriedade privada, o livre cambio, o mercado, a bolsa, a taxaço fiscal, o juro, a apropriação, a desapropriação, a produção, a distribuição, o consumo, o abastecimento e o desabastecimento, a riqueza e a pobreza, a comunicação, a repressão e a delinquência, as lotarias, os edifícios prisionais, o código penal, o código civil, o código de estradas, o dicionário, a lista de telefones, as redes de prostituição, as fábricas de material de guerra, as forças

⁶ Considerada por Foucault como o saber de todos os saberes condizentes aos modos pelos quais as pessoas se deixam governar por alguém, a pastoral cristã se organiza em torno da *responsabilidade*, da *obediência* e *submissão* como princípio organizador da codificação dos comportamentos, da aplicação perpétua do exame de consciência como *forma de conhecimento*, e da *renúncia de si e do mundo*, reduzindo horizontes inexplorados (CARVALHO; GALLO, 2010).

armadas, os cemitérios, a polícia, o contrabando, as drogas, os tráficos ilícitos permitidos, a investigação farmacêutica, o jogo, o preço das curas e dos funerais, a justiça, o empréstimo, os partidos políticos, as eleições, os parlamentos, os governos, o pensamento convexo, o côncavo, o plano, o vertical, o inclinado, o concentrado, o disperso, o fugido, a ablação das cordas vocais, a morte da palavra. Aqui fala-se de organização, disse a mulher do médico ao marido, Já reparei, respondeu ele, e calou-se.

– José Saramago

Isolem-se! Não saia de casa, caralho! Não respire perto de mim! Cadê o álcool em gel? #FicaEmCasa. QUARENTENA! A sujeição suprema de uma sociedade farmacopornopolítica: agenciamentos que articulam estratos daquilo que denominamos “conhecimento científico” para a tomada de decisão sobre os modos bioquímicos e midiáticos de ação no/do corpo. Eu sou, porque eu decido. Eu influencio, então gozo.

A primeira semana de ócio produtivo havia passado e fui me percebendo cada vez mais capturado pela ideia corrente entre muitos de meus amigos “de esquerda” (mas também de alguns autores e autoras conhecidos): a pandemia mostrava o fim do neoliberalismo. O trabalho coletivo investido no isolamento social, a ênfase nos sistemas públicos de saúde e na ação dos estados para regulação e manutenção das economias locais, as manifestações de solidariedade nas janelas que cantarolam canções ou encontram-se pontualmente às 19h para aplaudir os novos heróis: médicos e enfermeiros. Cheguei a ler inclusive que o comunismo estava renascendo! Para mim, esta foi a gota d’água... Acordei do encantamento do discurso emancipatório e ingênuo devido ao cheiro de naftalina que ele infesta – uma bixa má habita em mim... e lambe! Estávamos sendo obrigados a nos confinar, confinamento dentro de nossas casas apoiadíssimo pelo discurso médico (com os saberes da infectologia e da epidemiologia em destaque, mas os instrumentos típicos da biopolítica continuavam ali). Este mesmo discurso indicava as melhores políticas estatais para o controle da distribuição de infectados, exemplares modelos a serem

contrastados com a tanatopolítica⁷ exercida pelo presidente das terras brasileiras. Suas principais práticas de sucesso destacavam o controle por sistemas de geolocalização e satélites – contando inclusive com aplicativos de auto-declaração positiva para o covid-19 – assim como as testagens em massa para detecção de contaminados e ações individualizadas de contenção daqueles cujos exames destacariam (tanto quanto dos que lhe são próximos) – e não apenas daqueles que apresentassem quaisquer sintomas. Desejamos, todos aqueles que se declaram racionais, colaborar com tais práticas, colocamos nossa fé e nossos esforços em implantá-las e, quando certas, descansaremos porque fizemos o melhor disponível pelas tecnologias contemporâneas. Estaremos em débito permanente com a sociedade caso falhemos nesta missão. Somos sujeitos porque ficamos de quatro para que os novos modos de produção capitalísticos sejam marcados não só em nosso corpo ou mente, mas nos laços intangíveis dos afetos possíveis:

Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos se tornaram “dividuais” divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. [...] As sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. (DELEUZE, 2013, p. 226-227).

Neste panorama de reconfiguração das tradicionais formas disciplinares (FOUCAULT, 2014) para novas modalidades de controle, não estou realizando a defesa de um modelo por outro, ou ainda pior, sugerindo que tais estratégias adotadas no controle da pandemia sejam ineficazes, maléficas ou diabólicas:

⁷ Ainda não fui convencido que seja “apenas” o caso de uma necropolítica em ação. A necropolítica, conceito elaborado por Achille Mbembe, permite explicar como a vida em um referencial biopolítico está sempre já subjulgada e determinada pelo poder da morte, permitindo questionar quem deve viver e quem é deixado a morrer. No caso brasileiro, a negação dos dados e informações científicas, a produção de notícias falsas e pautas-bomba, o narcisismo exacerbado, a idolatria incentivada focada em um líder populista... todas estas características me parecem mais próximas dos mandos e desmandos de um rei que tudo decide, a quem a tudo se deve.

Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberdades e as sujeições. [...] Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas. (DELEUZE, 2013, p. 224)

O celular *smartphone*, parte do meu corpo ciborgue (HARAWAY, 2019), passou a ser deixado em casa nas minhas pouquíssimas saídas ao mercado. Creio que meu primeiro espanto com as determinações de isolamento social – neste momento já declaradas pelo governador do estado, criando um conflito bastante proveitoso e marqueteiro com o presidente – deu-se quando atravessei o Largo do Arouche e um dos cinemas pornô⁸ mais antigos em funcionamento da capital paulistana, aberto 24/7, estava de portas cerradas. Aliás, espanto porque nunca havia percebido que o local tinha portões de metal, destes característicos em comércios de bairro e que emperram seus movimentos de subir-e-descer-e-subir se não engraxados continuamente. O odor canela-alívio difundiu trazendo uma mistura de odores mofo-cigarro-desinfetante-látex-espanto, uma combinação que só encontrei atravessando as portas de vidro com película preta daquele cinema e que enchia meus pulmões nos primeiros minutos de adequação da retina à baixíssima luminosidade local.

Na verdade, nada menos imaterial do que o trabalho sobre o qual o capitalismo farmacopornográfico se baseia: em vez de imaterial, deve ser descrito como super material, supramaterial, tecnomaterial ou hipermaterial, pois sua consistência é biológica, molecular, ao mesmo tempo carnal e numérica, irremediavelmente sináptico e digitalizável; e seu objetivo final, a produção de ereções, ejaculação, volume de esperma. (PRECIADO, 2017, p. 195)

As medidas de contenção da epidemia – distanciamento social, fechamento do comércio, uso obrigatório de máscaras e higienização constante – cabem perfeitamente para modelos de famílias heterociscentradas, que professam sua religião individualmente a um deus onipresente, que se articulam em função de pelo menos uma propriedade, pela qual se

⁸ Para uma excelente análise das composições dos ambientes de cinema pornô e da literatura latina, recomendo o livro MAIA, Helder Thiago. **Cine[mão]** – espaços e subjetividades darkroom. Salvador: Ed. Devires, 2018.

movimentam de forma sedentária (DELEUZE e GUATTARI, 1997). Excluídos destes modelos de sexualidade, os viados, as travestis e as sapatões precisam negociar diversos agenciamentos que permitirão colocar em devir suas máquinas desejanças (ibid). As tecnologias de controle esgarçadas na contenção da pandemia estão lustrosos por um verniz que fede à matriz heterocisnormativa.

Gênero (feminilidade/masculinidade) não é um conceito, nem uma ideologia, nem uma performance: é uma ecologia política. A certeza de ser homem ou mulher é uma ficção somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias para a domesticação do corpo, por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais que fixam e delimitam nossos potenciais somáticos, funcionando como filtros que produzem distorções permanentes da realidade que nos cerca. O gênero funciona como um programa operacional através do qual são produzidas percepções sensoriais que assumem a forma de afetos, desejos, ações, crenças, identidades (PRECIADO, 2017, p. 91).

Com os diversos espaços de caça (bares, cinemas, saunas, boates, parques, banheiros públicos, estacionamentos, praias, ...) fechados, as syag⁹ – muitas das quais já não frequentavam estes ambientes, mergulhadas no mesmo discurso higienista e neoliberal que reativamos ao falar da pandemia por covid-19 – inundaram os aplicativos “de relacionamento” com convites para encontros. A dinâmica de produção do desejo a qualquer momento e em qualquer lugar foi garantida com a ampliação gratuita do raio de ação e pesquisa destes aplicativos durante o período de quarentena, e por consequência, aumento do número de possíveis parceiros sexuais. A pandemia parece não as assustar (talvez como a AIDS já não as assusta): protegidas com a PREP¹⁰ (PRECIADO, 2019) e máscaras, a visibilidade dos aplicativos garante que elas permaneçam no circuito sexual, elaborando sua sexualidade a partir de critérios capitalísticos de uma sociedade farmacopornopolítica.

⁹ Syag é uma estratégia performativa criada para que a comunidade gay possa se manifestar sem que a palavra “gay” seja reconhecida em discurso ofensivo pelos algoritmos das redes sociais.

¹⁰ Profilaxia pré-exposição.

A formação da sociedade farmacopornográfica caracteriza-se pelo surgimento, em meados do século XX, de duas forças de produção da subjetividade sexual: por um lado, vimos, a introdução da noção de gênero como dispositivo técnico, visual e performativo da sexuação do corpo e, por outro, a reorganização do sistema médico-legal, educacional e midiático que até agora articulava as noções de normalidade e perversão em torno da díade heterossexualidade/homossexualidade e que daqui em diante contemplará a possibilidade de modificar tecnicamente o corpo do indivíduo "fazer uma alma" masculina ou feminina (PRECIADO, 2017, P.132).

Numa sociedade que se utiliza de dispositivos pornográficos para capitalizar sobre o sexo e o prazer, tais sujeitos se produzem em função de novas modalidades de exercício sexual e de sexualidade. A visibilidade garantida pelos aplicativos ultrapassa as visibilidades daqueles que frequentam *o meio*, permitindo que outros corpos explorem desejos que não se permitiriam em outros ambientes sociais. As tecnologias de visibilidades elaboram epistemologias específicas, que produzem os corpos a serem disciplinados para a produção do capital. Para além da pegação anárquica e comunitária dos *dark-room*, uma seleção de corpos baseada em critérios visuais – até a transformação do gozo na própria visão: “Manda nudes?”

O tato e a visão são marcados por uma assimetria epistemológica radical: o tato é cego, enquanto a visão toca com o olhar sem ser contaminada nem pelo particular, nem pela matéria, isto é, a visão supõe um modelo superior de experiência que não necessita nem da mão nem da pele. Na transição do tato para a visão, que marcará a emergência da modernidade filosófica, o tato, enquanto sentido menos válido, será literalmente contido e efetivamente “impedido” por meio de uma série de instrumentos técnicos que medirão a relação entre a mão e os órgãos genitais, e que virão a regular as possibilidades inquietantes abertas pela mão que toca a si mesmo e que transforma o indivíduo em seu próprio objeto de conhecimento, de desejo e de prazer (PRECIADO, 2014. p. 100).

Sexo como objetivo e modo de capitalização de corpos, incorporando as regras de controle típicas e normatização do desejo à maquinaria capitalística de ampliação de fluxos: a criação de homem endividado, a produção permanente de informação, a captura dos desejos, a propaganda como forma de conhecimento, e a valorização dos fluxos e da especulação em detrimento da produção (DELEUZE, 2013). Isto é, pouco importa se cada um dos *matches*¹¹ realmente resultam em encontros sexuais, desde que os fluxos de desejo estejam capitalizados e em circulação permanente: o sexo como agenciamento capitalístico de sociedades farmacopornopolíticas.

Este trabalho caracteriza-se pela transformação no valor do capital (mais-valia) do contato dos corpos (virtual ou real), da excitação dos centros bioquímicos da produção hormonal, da produção e transmissão de afetos, da recepção de um impulso audiovisual, a conexão do neocórtex com os vasos sanguíneos que suprem o corpo cavernoso do pênis, o clitóris, a pele, a reação dos centros de produção de endorfinas e ocitocina, a resposta na forma de prazer imediato ou tardio de um metabolismo bioquímico preciso a uma determinada substância, etc (PRECIADO, 2017, p. 197).

Inclusão-só-que-não. Por que as escolas nunca foram (ou serão) transviadosapatônicas?

[...] perdoem-me a preleção moralística, é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o, e agora ponto final na dissertação, vamos comer.

– José Saramago

Muito antes de imaginar que um dia precisaria sair de casa usando máscaras (um futuro-mais que presente distópico), antes mesmo de ter lido este conjunto de referências bibliográficas citadas neste ensaio, este viado que lhes escreve identificava nos odores algumas de suas rupturas de vida, modos de produção de singularidades que deslocavam o tempo da

¹¹ Modos de nomear as combinações de perfis no aplicativo *Tinder*.

lógica arborescente linear, cumulativa e cronológica. Deixei a maresia pelos cheiros de grama cortada (e em algumas épocas do ano, queimadas), no fim da minha adolescência. Foi esta mudança de odores-geo-grafia que elaborou outro processo de ruptura: longe da casa dos meus pais, de todas as pessoas que conhecia até então – e, assumo, que considerava até ali provincianas e retrógradas¹² –, poderia me refazer enquanto corpo viado. Foi em Campinas que aprendi a lidar com as questões identitárias e políticas do movimento denominado LGBT: “Prazer, eu sou viado” apresentava o corpo que precisava se disciplinar nos ritos da química, e que laboratórios identifica reações pelos seus vapores, cores e atritos. A mudança de odores trazia com ela uma mudança de rostos, uma mudança de rotinas, uma mudança de medos, mas trouxe também uma dose de ousadia. Profissionalizei cientista, um trabalho que não conhecia, e professor, um ofício que já tinha. As intersecções entre educação e sexualidade, entre desejo e trabalho, trouxeram para minha estante alguns textos estranhos (LOURO, 2004), estranhos o suficiente para que eu questionasse o funcionamento das maquinarias de rostidade que estavam em exercício neste corpo discente.

A máquina de rostidade já os submete à forma exclusiva de expressão significativa e subjetiva. Ela procede ao quadriculamento prévio que torna possível discernir elementos significantes e efetuar escolhas subjetivas. A máquina de rostidade não é um anexo do significante e do sujeito, ela lhes é, antes, conexas e condicionante: as biunivocidades, as binaridades de rosto duplicam as outras, as redundâncias de rosto fazem redundância com as redundâncias significantes e subjetivas. Exatamente porque o rosto depende de uma máquina abstrata, ela não supõe um sujeito nem um significante que já estejam presentes: mas ele lhes é conexo, e lhes dá substância necessária (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 53).

¹² “Santos não afunda porque merda boia” (PAIVA, 2015) era uma citação repetida com frequência quando precisa justificar o meu asco de então pela cidade em que nasci.

Ainda que muitas das demandas por direitos pelo que hoje denominamos pessoas LGBTQIA+¹³ tenham sido alcançadas nos últimos 30 anos – e aqui faz-se necessário apontar que tais lutas resultaram em conquistas desiguais pelos diversos ‘segmentos’ que comporiam o movimento LGBT – Mayo Jr indica que muitas das experiências de professores transviadosapatões¹⁴ nas escolas continuam problemáticas, desconfortáveis e tensas (MAYO JR, 2020). O autor aponta que nos Estados Unidos existem leis em diferentes estados que proíbem professores de educação sexual a discutirem tópicos LGB, algumas delas requerem uma representação inadequada e negativa destas pessoas. Localizando-se como um professor queer dedicado à formação de outros professores, Mayo Jr analisa experiências individuais de sujeitos queer, sejam eles professores em exercício e de professores em formação, em contextos progressistas estadunidenses. Tais sujeitos, em diferentes articulações de suas orientações sexuais e suas identidades de gênero, preocupam-se com o (assumido) poder dos pais e adultos na escola, influenciando as possibilidades de experimentação sexual e de gênero das crianças e da equipe docente. Têm ciência da influência da autenticidade quando se trata de suas próprias identificações na construção das suas relações com os alunos, já que estes irão depender deles de múltiplas formas. Professores experientes manifestam uma preocupação adicional aos professores queer em formação, aquela de que ainda que autenticidade seja um benefício no trato com alunos e colegas, devem atentar-se ao contexto destas relações para que mantenham seus empregos, evitando a exposição em ambientes reativos. Tal autenticidade, todavia, pode garantir aos alunos diferentes modelos de inspiração LGBTQ daqueles reforçados pelo fracasso e pelas identidades problemáticas.

O rosto cristaliza o conjunto de redundâncias, emite e recebe, libera e recaptura os signos significantes. É, em sim mesmo, todo um corpo: é como o corpo

¹³ Simplificadamente, pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, trans* (transsexuais, transgêneros, travestis – travestigêneros, na proposição de Indianare Siqueira (de JESUS, 2013) –, *queers*, intersexos, assexuados e aliados.

¹⁴ Aqui, há uma escolha deliberada pela substituição do termo queer para transviadosapatão, seguindo a proposta de Vidarte (2019).

do centro de significância no qual se perdem todos os signos desterritorializados, e marca o limite de sua desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 68).

No campo curricular brasileiro, César (2009) indica que desde os anos 1920 as primeiras preocupações relativas à educação do sexo de crianças e adolescentes passaram a povoar o universo educacional, destacando o interesse moral e higiênico do indivíduo e de interesse da raça. A circulação do Boletim do Círculo Brasileiro de Educação Sexual na década seguinte manteve a discussão entre médicos e educadores a partir de pressupostos higienistas e eugênicos. Só a partir da década de 1960 é que movimentos pelos direitos civis, feministas e gays e lésbicos romperam com o modelo de “sexo bem educado”, parte fundamental do processo de escolarização da escola moderna, em um clima de renovação pedagógica que desenvolvia em escolas experimentais programas de educação sexual em conexão com tendências curriculares inovadoras para até o momento. Todavia, a instauração da ditadura militar impôs um regime de controle e moralização de costumes decorrente de alianças entre militares e grupos religiosos conservadores, resultando na proibição de que tópicos de sexualidade e contracepção pudessem ser explorados nas escolas, especialmente nas disciplinas de Biologia e Sociologia. Uma resistência importante acontece a partir do movimento feminista brasileiro, que articularam discussões de gênero às lutas pela redemocratização do país, ainda que indagações das práticas pedagógicas em função das questões feministas tenham desaparecido sem deixar marcas nos currículos. Na década de 80, o feminismo perde espaço epistemológico para o campo específico da saúde, fazendo da educação sexual o campo da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e de informações sobre reprodução e fisiologia humanas, ainda sob lógica da matriz heterossexual. A epidemia de HIV/AIDS impactará as ações de educação sexual com a propagação de informações sobre “sexo seguro” e “gravidez na adolescência”, questões que se tornaram problemas pedagógicos importantes. Em meados da década de 1990, a divulgação dos parâmetros curriculares nacionais – PCNs

– (BRASIL, 1998) inspirados na reforma educacional espanhola, instituiu a educação sexual como um tema transversal a ser trabalho dos currículos das escolas brasileiras, consolidando a escolarização do sexo no Brasil. Entretanto, as orientações destes documentos apresentavam preocupações quando às relações entre estereótipos de gênero e sua relação com a sexualidade, não articulando discussões que indicassem os processos sociais e linguísticos pelos quais tais categorias são constituídas.

O corpo heterossexual, um dos artefatos governamentais de maior sucesso da sexopolítica do século XIX, é o produto de uma divisão do trabalho da carne segundo a qual cada órgão é definido em relação à sua função reprodutiva, bem como produtor de masculinidade ou feminilidade, normalidade ou perversão. (PRECIADO, 2017, p. 61).

As recentes mudanças nas orientações curriculares, apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), excluem as temáticas de gênero e voltam a reforçar o caráter biologizante da leitura sexual, garantindo na concepção inclusiva de diversidade o apagamento das diferenças sexuais e de gêneros.

A implantação de um modelo não-sexista de (re) educação, desenvolvido desde os primeiros anos das crianças, e que desamarram as premissas de gênero baseadas na assimetria, dando espaço para as crianças construir suas posições de gênero de maneira mais libertadora, autônoma e fluida, menos hierárquica e, acima de tudo, educando-os a reivindicar seu direito à diferença (SAYAK, 2014, p. 82).

Talvez esta limitação esteja ligada à concepção construtivista e feminista de gênero de “2 sexos/2 gêneros” (BOURCIER, 2014), na qual os dois gêneros, masculino e feminino, correspondem diretamente a dois sexos (macho/fêmea). Tal concepção está bastante vinculada ao movimento feminista reformista-liberal e de igualdade, cuja estratégia política evolve a luta contra a redução das desigualdades entre homens e mulheres via paridade ou inclusão de mulheres no mercado de trabalho, com o risco de

essencializar as diferenças sexuais a partir da naturalização do saber biológico/anatômico sobre o corpo. O autor resgata os estudos de Fausto-Sterling (2000), em que a bissexualização é determinada sem algum fundamento biológico, sendo estabelecida a partir de critérios contraditórios concernindo o aspecto de órgãos genitais, o sexo cromossômico, a localização das gônadas, a capacidade de reprodução/penetração heterossexual, e disponibilidade hormonal. Os corpos hoje nomeados como intersexo e transsexuais evidenciam a arbitrariedade de tais verdades do discurso médico-biológico, pois passarão a ser tratados como objetos de patologização e de correção de “intermediários” sexuais, como o caso de ilustrativo de Herculine Barbin (FOUCAULT, 2013a) e a criação do protocolo de redesignação sexual John Money (PRECIADO, 2011).

Uma possibilidade de abertura seria pensar o modelo “n sexos/n gêneros” ao ampliar a compreensão de que os sexos, e não apenas os gêneros, são também constituídos socialmente. Ao apresentar o gênero como um performativo, Butler (2011) propõe uma crítica ao que chama de matriz heterossexual, rompendo com um modelo causal ou expressivo do gênero: o sexo biológico não determina o gênero. Ao introduzir uma dinâmica discursiva ao gênero, este passará a ser entendido como uma recitação de uma norma, que é ela mesma sem original, uma estrutura imitativa sem contingência natural. Passamos a registrar os processos de subjetivação, no caso de identidades de gênero reivindicadas, como tais, que não se confundem com uma declinação individual idiossincrática de seu gênero ou com a bissexualidade psíquica freudiana, mas com a desconstrução da masculinidade assim como da feminilidade, enriquecendo, deste modo, a matriz de inteligibilidade de gêneros e de sexos (BOURCIER, 2014).

A teoria queer difere das reflexões pós-modernas e pós-estruturais das quais é derivada parcialmente, pois gerou uma repolitização do campo sexual: propondo uma crítica hiperbólica aos centros de formação de identidades sexuais

e de gênero normativas, bem como formas de intervenção na economia política de discursos disciplinares, que são todas as formas de pôr em causa os regimes da verdade e da biopolítica (BOURCIER, 2018).

Tornar *queer*¹⁵ a educação e a pedagogia, como a proposta de Trujillo (2015), é uma responsabilidade docente para como nosso alunado, já que a escola toma para si a preocupação com o gênero e o sexo e se constitui como lócus de socialização fundamental, associada à mídia, para a elaboração de subjetividades normatizadas, uma máquina de produção do regime heteronormativo na/pela sociedade. A autora destaca que não é suficiente incluir conteúdos gays, lésbicos, trans*¹⁶ no currículo, mas questionar como a homo-lesbo-trans-fobia se apresentam como um problema de representação, que podem resultar em inserções de modelos *LGBT-mainstream* de subjetividades, apoiado em um forte discurso de corte liberal de inclusão da diversidade, “normatizando a anormalidade”, garantindo a manutenção dos binarismos. É fundamental, então, que uma abordagem *queer* para a educação seja questionadora das supostas coerências das identidades, evidenciando e desmantelando os processos regulatórios de formação e de categorização dos sujeitos. Trabalhar a partir de uma política pós-identitária de educação: exceder o espaço em que nos situamos e somos situados, transbordando os discursos com listas de outras posições, algumas vezes contraditórias, possíveis de identificação. Tornar *queer* em um verbo para educação deve atravessar o questionamento da normalidade, a dissolução de binarismos e a formação de alianças, e reconhecer também os limites de práticas transgressoras e subversivas.

A tarefa dessas multidões quee /cuir é desenvolver categorias e executar práticas que não busquem assimilar os sistemas de representação impostos pela hegemonia capitalista do sistema heteropatriarcal/classista/racista. Além de inventar outras formas de ação que reconfiguram a posição sul como posição crítica e não apenas como local geopolítico (SAYAK, 2014, p.69).

¹⁵ O que tenho chamado neste texto de teoria transviadosapatônica.

¹⁶ Adoto aqui a proposição de Jack Halberstam (2018).

Do ócio como linha de fuga – ou (do retorno) à educação no fracasso

[...] eles diluem-se na luz que os rodeia, é a luz que não os deixa ver.

– José Saramago)

Comecei o costume de usar perfumes na mesma época que passei a frequentar as boates gays em Campinas, inicialmente munido de um RG falso e acompanhado de uma amiga fervida. Impecáveis no primeiro passo na pista de dança, os cigarros acesos que causavam desavenças quando atingiam braços, a fumaça de gelo seco, as bebidas derrubadas entre movimentos bruscos e coreografias, as naftalinas deixadas nos mictórios dos banheiros, o suor nas paredes dos *dark-rooms*: tudo inebriava os sentidos, o sexo era vendido à batida das músicas altas, dos corpos suados, das atmosferas supersaturadas. A noite garantia a diversão. Antes fosse tão simples.

Sempre passei longe do estereótipo desejável do corpo *gay*, era grande, gordo, desengonçado, míope, inseguro, nada descolado ou *fashionista*. Mas erra quem se antecipa em acreditar no fracasso das minhas noites. Foi com ele, a partir dele, que descobri desejo em outros corpos, os corpos inconformes, aqueles corpos fim-de-festa, inalcançados até as badaladas das 2 da madrugada, beijam pelo beijo, abandonam a montagem, esquecem dos cartões, e se jogam. Corpos afeminados, corpos peludos, corpos velhos, corpos tímidos, corpos racializados, corpos solitários: corpos que liberaram suas linhas de desejo e criaram suas sexualidades fora das tecnologias reguladores do tesão. São os corpos que refazem os seus tesões para além dos critérios de produção de um capital sexual. Perdem aqueles que chegam cedo no rolê.

Podemos ler fracasso, por exemplo, como recusa da maestria, uma crítica a conexões intuitivas entre sucesso e lucro dentro do capitalismo, e como um discurso contra-hegemônico do poder. Estupidez poderia se referir não simplesmente à perda de conhecimento, mas aos limites de certos modos de saber e certos modos de habitar estruturas do saber (HALBERSTAM, 2020, p. 33).

Nunca tive predileção por um único perfume – a safada que habita em mim sempre gostou de acordar e combinar os cheiros com os humores. Também não acredito nos discursos cheios de boa intenção. Defender a universidade, defender a saúde, defender a sociedade... são apenas motes que escondem seus projetos totalitários e universalizantes. Estou de pleno acordo com Carvalho e Gallo (2017) quando apontam que a defesa da escola deve ocorrer pela luta contra os dispositivos pedagógicos que dela utilizam para normatizar a vida. Para tal, devemos considerá-la como um laboratório, lugar constante de ensaio e experimentação, no qual os processos de criação encontrem sentido na explosão das estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia presentes nos equipamentos coletivos.

Buscar uma educação – e uma universidade – que frente aos modos de normatização e de manutenção da produção de fluxos capitalísticos de mais-valia acadêmica, que colocam em produção máquinas de rostidade articulando currículos e práticas pautados na lógica iluminista e moderna, naturalizando corpos e desejos, possa experimentar novos formatos de existência, ampliar a enésima potência o potencial criativo de afetos sujos, de odores característicos, que não se pretendem limpos, claros, esterilizados e bem-intencionados. Que o cu da educação permita a liberação de linhas de fuga ao modelo acadêmico institucional, crie nas universidades a possibilidade de experienciar as vidas em seus afetos ativos, os fracassos sejam os objetivos da formação, e que o ócio seja o produto esperado.

O cu é um espaço político. É um lugar onde discursos, práticas, vigilância, olhares, explorações, proibições, escárnios, ódios, assassinatos, doenças são articulados. (SAÉZ; CARRASCOSA, 2011, p. 63)

Optei pelo formato de ensaio, apoiado na compreensão de Gough (2007), tendo em vista que para que a pesquisa em educação seja responsabilizada e relevante ao nosso mundo contemporâneo, deve desenvolver

caminhos metodológicos para conhecer a desordem e elucidar os processos, as políticas, os poderes e as suas consequências para a educação em ciência. Tomei a cartografia como uma estratégia de tecnologia de reconsideração das significações dominantes, deslizando as noções essenciais de objetos de pesquisa (já que não é algo fixo, mas se estende sobre uma superfície) para tomar-se como testemunho apenas a vontade de viver, de intensificar a vida (OLIVEIRA e PARAÍSO, 2012; PARAÍSO, 2014).

Pretendi, com este texto, uma “escrita como pesquisa” (RICHARDSON, 2001), e colaborar com questionamentos que permitam elaborar cartografias dos diferentes modos de subjetivação mobilizados por sujeitos LGBT envolvidos com a educação em tempos de pandemia pelo covid-19 e submetidos a dispositivos característicos de sociedades de controle. Tracei linhas que deslocam da visibilidade como dispositivo de disciplinamento de corpos para a possibilidade de liberação de linhas de fuga que construam uma geografia dos odores. Ao elaborar uma pesquisa suja como plano de conhecer e ao mesmo tempo em que se abandona sua suposta inteligibilidade, perder os racismos de linguagem ou de estilo me aproximando de tudo que encontrei pelo caminho, assim como de tudo que me lembro, roubando dos territórios por onde passo e passei, devorando-os (ROLNIK, 2014).

A viada que habita em mim escolheu abdicar da pretensão iluminista da razão, mergulha nos odores da canela-alívio, de mofo-cigarro-desinfetante-látex-espanto, de cigarro-gelo seco-álcool-naftalina-suor-tesão, até chegar ao cheiro de cu, que garantirá ter abandonado as práticas e modelos institucionais e vá se refazendo professor-odor, como uma política de resistência, de fracasso, liberando-me de qualquer expectativa de sucesso e de razão.

Fazer do cu nosso instrumento político, a diretiva fundamental de outra militância LGBTQ, desenhar uma política anal muito básica: tudo para dentro, receber tudo, deixar que tudo penetre e para fora mandar só merda e peidos, essa é a nossa contribuição escatológica para o sistema (VIDARTE, 2019, p. 88).

Parti das minhas próprias experiências, de locais e olhares invalidados pela academia, para sugerir novas possibilidades de reconfiguração da universidade, numa proposta de (des)aqueendar (POCAHY, 2016) com epistemologias que aceitam ser lambidas por muitas forças de significação. Entrar na universidade pelo seu fracassado cu, deixando de lado nas compulsões por limpeza, evitando iluminar qualquer coisa que toque. Contaminar-me com seus cheiros... e gozar.

*Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia batalhando conquistar o seu direito de
Viver brilhar e arrasar
Ela é amapô de carne osso silicone industrial
Navalha na boca
Calcinha de fio dental
-Linn da Quebrada , Mullher*

Referências

- BOURCIER, S. M. H. 50 nuances de genres (et de sexes) ou plus? Entre karaoké de la différence sexuelle et politiques multigenres. In: LEDUC, Guyonne. **Comment faire des études-genres avec de la littérature: Masquereading**. Paris:L'Harmattan Editions, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/10060263/50_nuances_de_genres_et_de_sexes_ou_plus_Entre_karaok%C3%A9_de_la_diff%C3%A9rence_sexuelle_et_politiques_multigenres>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BOURCIER, S. **HOMO INC.ORPORATED: Le triangle er la licorne qui pète**. Paris : Ed. Cambourakis, 2017.
- BOURCIER, S. **Queer Zones: La trilogie**. Paris: Ed. Amsterdam, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf >. Acesso em: 22.jan. 2020.

BUTLER, J. **Bodies that matter**: On the discursive limits of “sex”. New York: Routledge, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CÉSAR, M. R. A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar em revista**, n. 35, p. 37-51, 2009.

CORTES, R. C. S.; FERRARI, A.; SOUZA, M. L. “Sobre sua buceta, responda...”: escolas e constituição de sujeitos em meio a jogos de poder. **Pro-posições**. v. 30, e20180051, 2019.

DELEUZE, G. **Conversações**. 3ªed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: Capitalismo e esquizofrenia 1. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011c.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol 4. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012b.

FAUSTO-STERLING, A. **Sexing the body** – gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2000.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: A vontade de saber. 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. Paris: Gallimard, 2004.
- FOUCAULT, M. **Herculine Barbin**. Vintage, 2013.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.
- JESUS, J. G. Uma puta educadora: entrevista com Indianara Alves Siqueira. **Revista Gênero**, v. 14, n.1, 2013.
- GOUGH, N. Geophilosophy, rhizomes and mosquitoes: becoming nomadic in global, science education research. In: ATWEH, B.; BORBA, M.; BARTON, A. C.; CLARK, D.;
- GOUGH, N.; KEITEL, C; VISTRO-YU, C.; VITHAL, R. (orgs). **Internationalisation and globalisation in mathematics and science education**. Dordrecht: Springer, 2007.
- HALBERSTAM, J. **Trans***: A Quick and Quirky Account of Gender Variability. Oakland: University of California Press, 2018.
- HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue – ciência tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAYO JR, J.B, Queer teacher to queer teacher: reflections, questions, and hopes from current and aspiring educators. **Teaching Education**. v. 31, n. 1, p. 32-44, 2020.
- OLIVEIRA, T. R. M.; PARAÍSO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**. v. 23, n. 3, p. 159-178, 2012.
- PAIVA, M. R. **Feliz ano velho**. Alfaguara, 2015
- PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. (orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014.

- POCAHY, F. A. (Micro) políticas queer: dissidências em pesquisa. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**. v. 18, n. 38, 2016.
- PRECIADO, P. B. **Testo Yonqui**. 4^a ed. Barcelona: Espassa Llibros, 2017.
- PRECIADO, [Paul] B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas** - Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011.
- PRECIADO, P. B. Condonos químicos. In: PRECIADO, Paul B. **Un apartamento en Urano: crónicas del cruce**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019.
- RICHARDSON, L. Getting Personal: Writing-stories. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 14, n. 1, 33-38, 2001.
- ROLNIK, S. Micropolíticas del pensamiento. Conferencia presentada en el Encuentro **Descolonizar el museo**, organizado por MACBA. Vol. 73. 2014.
- SAÉZ, J.; CARRASCOSA, S. **Por el culo: Políticas Anales**. Barcelona: Editorial Egales, 2011.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- SAYAK, V. T. Teoría transfemenista para el análisis de la violencia machista y la reconstrucción no-violenta del tejido social en el México contemporáneo. **Universitas Humanística**, n. 78, p. 65-88, 2014.
- TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VIDARTE, P. **Ética bixa: Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1edições, 2019.